

UMA NOVA TAREFA À POESIA BRASILEIRA

Gabriel Pinheiro de Deus (PG-UEMS)

RESUMO

Diante do panorama de final de século XX para XXI, e a quebra de paradigmas deste período, encontrar um lugar para poesia, na variedade de meios e na fragmentação de ideias, é um caminho desafiador para a crítica literária. O presente artigo busca analisar, sob as luzes da produção atual da poesia contemporânea, rastros que possam permitir compreender os diferentes caminhos e correntes traçados como internalização da realidade no fazer poético. Seu objetivo visa entender essa nova tarefa à poesia contemporânea brasileira.

Palavras-chave: *poesia contemporânea; crise; produção; crítica literária*

ABSTRACT

Against the back ground of late XX century and XXI, and this shift in paradigm period, finding a place for poetry, the variety of means and fragmentation of ideas is a challenging path to literary criticism. The this article aims to analyze, under the lights of de current production of poetry contemporary tracks that could allow na understanding of the diferente paths current and plotted as internalizations of reality in poetry. Your objective aims to understand this new task to the contemporary Brazilian poetry.

Keywords: *contemporary poetry; crisis; production; literary criticism*

1. UMA BREVE INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar algumas reflexões sobre a Poesia Brasileira Contemporânea. É claro que, sem precipitadas conclusões, pois o processo ainda apresenta-se em curso. Sua pesquisa reflete certo período marcado por incerteza teórica e relativismo cultural.

Atualmente percebemos que há uma relação intrínseca entre poesia, técnica, tecnologia e mercado editorial. Também, que a poesia torna-se apenas, mais uma das diferentes formas de manifestação cultural. Durante o século passado, assistimos a passagem de diferentes movimentos na poesia que foram da ruptura da tradição à forma de manifestação e protesto. É visível certa perda de prestígio da poesia como movimento de vanguarda, que encabeçe um movimento de enfrentamento ou mudança.

Para as novas gerações é comum a comunicação instantânea via twitter e facebook com seus amigos virtuais. Um mundo que transcorre mais rápido, há uma facilitação na divulgação da informação, e pouca atenção para o conteúdo dessa. Daí, percebemos um certo desgaste não só da poesia, mas da própria arte, característica visível da pós-modernidade. E não é incomum, encontrarmos inúmeras citações em sites, páginas pessoais, de trechos de obras sem referência a seus autores quando não apresentados equivocadamente. A obra então perde sua referencialidade e a linguagem vai transformando-se em inúmeras abreviações e reducionismos.

A poesia tenta encontrar seu lugar diante do quadro de transformações e perante à era da informação instantânea. Como nos ensina Cabral, já na década de 50 do século XX, o autor já identificava o processo de transformação da modernidade em sua tese “Da Função Moderna da Poesia” (1954) – segundo ele o poeta passa a maior parte de seu trabalho na abstração. A inspiração é por muito transformada, repensada. A linguagem da internet então, não permite tempos para reflexões e se encaixa perfeitamente ao que ele atribui a pouca ênfase à “comunicação”.

Vemos também que no Brasil há uma crise de leitura. Ou de leitores. Embora com a explosão de títulos diversos com temas que vão de lendas mágicas a auto-ajuda, o consumo de poesia restringe-se a alguns poucos intelectuais e estudantes. Há um sinal de que os poetas estão buscando novas formas de divulgação via blogs de poesia, por exemplo. Já que as revistas literárias também perderam espaço. Na fragmentação, e ao mesmo tempo diversidade dos espaços.

2. ESGOTAMENTO DOS PARADIGMAS DE UMA ÉPOCA

A poesia continua tendo um papel de traduzir até mesmo as suas próprias transformações. É o que aponta o autor Marcos Siscar (2010), em seu livro *Poesia e Crise*, no capítulo que trata de “A Cisma da Poesia Brasileira”. Segundo ele, a poesia contemporânea brasileira passaria pela cisma da oposição entre a poesia concretista e a poesia do cotidiano. E que o papel de alguns autores contemporâneos de re-subjetivação seria uma tentativa da própria poesia de se auto-compreender num cenário atual de esvaziamento e fragmentação.

De acordo com Siscar:

a ideia mais ou menos corrente segundo a qual o conjunto da poesia brasileira carece de propriedades bem definidas, fazendo a prova da diversidade e da multiplicidade típicas de uma “presentidade” geral, esquema que encontra eco na compreensão que alguns poetas têm da situação atual, parece se estabelecer como confissão da falta de recursos diante daquilo que deve ser compreendido...(SISCAR, 2010, p.151)

A vida acelerada, multifuncional e dinâmica não pôs fim à necessidade de comunicação. Fato visto pelas redes sociais. O papel de conexão da análise da realidade, por meio da capacidade criativa do homem em ver, imaginar, inventar, faz com que a poesia possa ser um caminho, talvez uma direção. Por meio dela, podemos ter uma inflexão do sujeito contemporâneo. E seu desenvolvimento esquizofrênico. Multifórmico. A compreensão do período chamado “pós-moderno”? e a busca por seu lugar-comum, de uma nova estética criativa. Não necessariamente em busca do “novo”, haja vista, o esgotamento das vanguardas. E sim, o diferente, o transformatizante.

Com a expansão do mundo midiático, via capitalismo tardio, além das transformações conseqüentes de uma globalização e internacionalização das relações interpessoais; a sociedade humana, presa totalmente no fetiche mercadológico de seu constante consumismo; revê o conceito de tempo, de História, Sociedade. Eis o espaço no qual a poesia luta para encontrar meios, agora

não mais contra, ou fora, mas dentro do sistema, para sobreviver e encontrar sua função de diferença.

O que para Siscar, nessa situação:

O primitivo, a infância, a ignorância constituem figuras dessa regressão pela qual a poesia procura revalorizar o uso das tecnologias mais avançadas, mas de uma nova forma, pela desdramatização dos jogos de metalinguagem erudita e pragmática, pelo afastamento da discussão sobre o sentido cultural da poesia. Nesse movimento, poesia tecnológica do contemporâneo parece abrir-se no sentido do abandono do projeto humanista que era o da poesia precedente, característica da época das vanguardas. (SISCAR, 2010, p.16)

Contudo, não se pode tornar refém dos meios. Ou ser estabelecida a partir deles. É impossível se negar a independência criativa do autor. O que esperamos, é que a internet, por exemplo, possa servir como uma ferramenta de auxílio de divulgação de obras e autores. Ou que, facilite o acesso a todos. Ampliando assim o número de leitores de poesia, saindo do atual estágio de restrição. E não somente, como mecanismo capitalista mercadológico no qual obras são produtos de consumo.

A tarefa à nova poesia brasileira segundo Marcos Siscar, seria encontrar uma voz própria, capaz de explicar-se com impasse da técnica. Esta inflexão poderia permitir uma relocação, o encontro por novas fronteiras.

A poesia está livre para sair de seu ambiente intelectualizado e restrito. Que a vinculavam a academia. E tem de aproveitar a ampliação que essa nova era tecnológica permitiu, ao conectar inúmeras pessoas e mundos, para oportunizar a circulação e o conhecimento. Podemos encontrar informações em diferentes espaços de discussão. Blogs, grupos, sites de universidades entre outros.

Devem ser ainda explorados temas como a vida urbana, sua pobreza, marginalização e criminalidade. Bem como, essa sociedade esfacelada, descrente e consumista a qual vivenciamos. Chegamos ao fim das utopias, só nos resta o nada?

3. A PRODUÇÃO CONTEMPORÂNEA

A reflexão crítica da realidade social é um papel historicamente assumido pela poesia. A obra *Página Orfã* (2007) de Regis Bonvicino. Descreve essa realidade, do nosso mundo urbano e seus esquecidos. A vida nostálgica num mundo de prédios, ruas, despossuídos. Há um constante questionamento do “eu”, característica do tempo histórico atual, além da crítica ao regime de exploração capitalista e de seu consumismo desenfreado. (o lixo está contido/ em outro saco/ restos de comida e cigarros/ no canteiro, sem a árvore,/ lixo consentido/ agora sob o viaduto/ onde se confunde/ com mendigos), *Lixo* (*Página Órfã* 2007).

A construção poética possui inúmeras direções e habilidades desenvolvidas no processo de criação. Um deles é a re-leitura social da condição humana. Reformulações e rupturas são apontadas

por movimentos estéticos que buscam compreender as mudanças sociais e culturais. E, a “presentidade” está reproduzida na produção contemporânea da poesia brasileira.

Como exemplo, poderíamos apontar o poema “*Sítio*” de Claudia Roquette-Pinto, publicado em 2001 e, que traz uma visão da realidade da vida composta por temas como esvaziamento do sujeito, criminalidade, desigualdade social, fragmentação temporal, que são fenômenos de desrealização do referencial. (De madrugada,/ muda na caixa refrigerada,/ a carga de agulhas cai queimando/ tímpanos, pálpebras:/ O menino brincando na varanda./ Dizem que ele não percebeu./ De que outro modo poderia ainda/ ter virado o rosto: “Pai!/ acho que um bicho me mordeu!” assim/ que a bala varou sua cabeça?). *Sítio* (Margem de manobra 2005).

Devemos resgatar o diálogo e a troca de experiências. O mundo atual reveste-se de certo individualismo e egocentrismo. A capacidade de mergulhar em diferentes fontes e trazer novas resignificações e re-leituras deve ser um caminho para a explicação de uma época, que historicamente apresenta certa incerteza e nebulosidade em sua interpretação. Vemos na História da humanidade que as passagens entre séculos marcaram profundas transformações sociais, culturais e econômicas.

A poesia pode cumprir essa função. Assumindo uma nova tarefa, de engajamento. Abandonando a cisma herdada entre a poesia concretista (formalista) e a poesia do cotidiano (inspiração popular). Superando o período de retração e refluxo, para buscar um ethos particular na “presentidade”.

4. E A CRÍTICA?

Não podemos apenas assistir as mudanças presentes. A crítica se faz necessária. A poesia deve encontrar seu lugar. Não se transformando apenas em objeto mercadológico. E, sim como oportunidade para reflexão de sua existência enquanto forma de expressão.

Portanto, acreditamos também ser papel da crítica, o contínuo questionamento dos influxos pelos quais a produção artística se encontra no momento atual. O resgate da consciência que pergunta, e não apenas assiste paciente, é um novo desafio.

A produção acadêmica atual está marcada constantemente por reproduções a-criticas reduzidas a processos de colagens de fragmentos e teorias. Logo, buscar uma formulação crítica e questionadora para o período que marca o fim de um século e tudo que historicamente ele representou e um novo que surge inicialmente sem referencialidade, torna-se fundamental como projeto para teoria na compreensão da relação Literatura e Sociedade.

É lógico que o fim das “ideologias”, o relativismo cultural, os projetos universalistas, o esvaziamento das utopias, a morte das grandes narrativas, o capitalismo em sua máxima expansão adotando uma fisionomia global, e as transformações sofridas na arte com o esgotamento do

projeto modernista, deram espaço para o surgimento do que Jameson nomeou de época pós-moderna. Por isso, o momento atravessado pela crítica literária, passa também, pelo processo de auto-reflexão. De posicionamentos intelectuais. Já que, é preciso construir novas explicações.

5. ESCREVER NÃO É PRECISO

Tomo emprestado a ideia proposta por Alcir Pécora na revista (Sibila n. 10 - 2006) em seu artigo “O inconfessável: escrever não é preciso”, diante da produção de qualidade mediana, que o autor constata na contemporaneidade, para fazer minhas considerações finais.

Afinal, qual a situação encontrada? Alguns defenderiam que nunca houve tanta produção, devido a facilidades tanto no custo como na facilidade de produzir. Também, poderíamos afirmar que hoje a atividade “escritor” transforma-se em hobby. Contudo, Alcir Pécora procura demonstrar que a atividade passa por uma banalização. Para se publicar valhe ser amigo do editor. Ter influência no meio acadêmico. E, para ele, nada de relativamente bom tem surgido na produção atual.

Há defensores que afirmam o contrário, já que acreditam que a oportunidade de comunicação que, por exemplo, a internet proporciona, facilitando tanto o surgimento de novos poetas que poderiam disponibilizar suas poesias em blogs, sites e páginas pessoais; quanto o próprio acesso a informação criando então uma grande rede de produtores e escritores. É claro que, isso não significa um aprimoramento na qualidade, e sim uma maior quantificação na produção. Proporcionariam uma riqueza e diversidade na produção de obras, que até então ficava restrita a poucos números anuais.

Que a poesia contemporânea brasileira vem refletindo todo esse processo de passagem entre séculos, que todas as questões não respondidas e outras já esgotadas como a falta de movimentos e projetos estão presentes em temas como sujeito, urbanidade, consumo, incertezas, negação e resistência. E que, também, diante de um quadro pós-tudo a poesia não está morta. Embora, não tenham surgido ultimamente grandes autores, a produção poética tem acontecido. Daí pensarmos em um mundo pós-utópico, consumista, sem referências, anti-essencialista e em alguns casos desumano. Que a poesia se valha do momento para descobrir novas formas de se expressar, já que tanto o livro quanto o verso foram postos em prova.

Certo que, a crise do verso, as explorações gráficas feita pelos concretistas, e todas as relevantes transformações por quais a poesia passou no século XX, definem como a poesia reage historiograficamente a inflexões e mudanças ocorridas na sociedade. Por isso, é necessário para compreensão da produção poética brasileira contemporânea, a dinâmica relação Literatura e Sociedade. Que perceba a cultura e arte como aspectos de uma sociedade histórica e portanto, ligada a fenômenos que implicam sua reprodução artística e intelectual.

Uma nova tarafera à poesia brasileira, encontrar seu lugar-comum diante de um novo século que surge, perante a todas mudanças sociais, tecnológicas e econômicas, e a própria restrição enfrentada pela arte com sua cooptação pelo mercado. Como Marcos Siscar afirma, é próprio da poesia estar em crise, o que permite a ela se reconfigurar. Se inconformando, com a repetição, a homogeneização, não há apenas o pós-tudo. O futuro precisa ser inventado.

REFERÊNCIAS

BONVICINO, Régis. *Página órfã*. Martins: São Paulo, 2007.

JAMESON, Fredrich; GAZZOLA, Ana Lúcia. *Espaço e imagem: teorias do pós-moderno e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Ed UFRJ,1995.

SISCAR, Marcos. *Poesia e crise*. Ed. UNICAMP: Campinas, 2010.

PINTO, Claudia Roquette. *Margem de manobra*. Aeroplano Editora: Rio de Janeiro, 2005.